

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 2 Lições de Notícia Class.: 13

Data: 25/04/82 Pg.: _____



“Amáveis selvagens” que ignoramos...

Etienne Samain (*)

Procurava uma sociedade reduzida a sua mínima expressão. A dos Urubus-Kaapor era ainda, 50 anos depois de sua “pacificação”, a tal ponto que, nela, só encontrei Gente. Ofereço essas linhas aos meus amigos das cabeceiras do Rio Gurupi: os Kaapor.

Eles me perguntaram se andávamos nus. Respondi-lhes que Maíra, nosso “Deus”, nos tinha dado o algodão para tecer nossas saiotas, o urucu e o jenipapo para pintar nossos corpos, os pássaros para adorná-los.

Eles me perguntaram se comíamos carne crua. Respondi-lhes que, outrora, só comíamos carne de jibóia. Depois, Maíra conseguiu roubar o fogo que o Urubu-rei possuía. Ele no-lo deu para assar, moquear e

cozinhar os bichos do mato, os peixes dos igarapés.

Eles me perguntaram como fazíamos o amor e quantas mulheres tínhamos. Respondi-lhes que cada homem tinha uma mulher e que gostávamos de “surucar” na rede ou deitados no pé das árvores frondosas.

Disse-lhes ainda que, no passado, só nossas mulheres tinham um sexo e que nós andávamos como crianças... até que Maíra resolveu nosso problema, cortando em pedaços a serpente que, até então, as fazia gozar perto da casa de farinha. Não escondi que tínhamos ciúme de nossas mulheres e das lindas crianças que nos davam.

Eles me perguntaram se tínhamos nomes. Respondi-lhes que nós nos chamávamos Kaapor-té, a-verdadeira-gente-da-floresta, que o meu nome era Pimen (Pimenta), que minha esposa chamava-se Saitauá (Macaquinho amarelo), que tínhamos duas crianças para guardar uma lembrança feliz desta vida. Não sei se tinha que dizer... Disse: “O meu pai e a minha mãe morreram quando não tinha ainda cinco anos. Foi o meu pai de criação que me levantou. Morava, na época, em Parruá, junto ao rio Paraná. Hoje a BR-316 atravessa nossa aldeia e, no lugar da nossa an-

tiga maloca, tem cachaça e um bar americano. Fugi de lá pois não queria mexer com as coisas de branco cristão civilizado”.

Eles não me perguntaram se morríamos. Ia responder que tínhamos muito medo dos espíritos de nossos mortos que abandonamos no meio do mato, muita tristeza também de contar as histórias de nossos parentes, quando brigavam entre si. Ia dizer: “Antigamente, quando morria um parente, o pessoal, os índios ficavam com muita pena por causa da mulher, do filhinho... safam e iam procurar Maíra para ter a vida toda, para não morrer mais. Maíra morava perto de Belém, depois, foi para São Luiz... Hoje, eu não sei... desapareceu”.

Eles me pediram para falar do homem branco. Respondi-lhes que o homem branco tinha sapatos lisos e um chapéu de palha fina, que tinha a camisa bem enfiada nas calças, um belo cinturão dourado e, no punho, um relógio de ouro. Disse-lhes ainda que foi Maíra que lhe tinha dado o saber; mas que, noutro mundo, daria esse saber ao índio.

Eles me perguntaram o que era, para mim, a “felicidade”. Não entendia essa palavra. Entendi quando falaram de “alegria” e, logo, respondi: “Alegria para nós... é a nossa

raça... nossa terra”.

Tenho algo que morre em mim ou perto de mim. Estou cansado de tantas comemoração, aniversário do professor, do índio, da pátria... Eu sei que os homens precisam de comemorações, mas me dói pensar que inventamos também isto para melhor esconder nossas omissões de todos os outros dias do ano e da vida. Deixo subir o vento e olho para a lua cheia... 19 de Abril... dia do índio.

Professor de Antropologia no Mestrado em Antropologia Social da UFRN. Pesquisou no meio dos índios Kamayurá do Alto do Xingu e acaba de regressar de uma dupla expedição de quatro meses, junto aos índios Urubus-Kaapor, nas divisas do Maranhão com Pará.



Pimen, cacique Kaapor: “Não disse que tínhamos ciúmes de nossas mulheres e...”



...das lindas crianças que nos davam”.